

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA UMA FILOLOGIA DA VOZ POÉTICA EM PERFORMANCE NAS CANTIGAS MEDIEVAIS GALEGO-PORTUGUESAS

Methodological procedures for a philology of the poetic voice in performance in Galician Portuguese medieval songs

Rafael Hofmeister de Aguiar¹

<https://orcid.org/0000-0003-0742-081X> 

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Bento Gonçalves, Bento Gonçalves, RS, Brasil.
95700-206 – direcao.ensino@bento.ifrs.edu.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo ampliar o escopo da ciência filológica em relação à Teoria da Literatura, voltando-se para as marcas textuais nos manuscritos medievais galego-portugueses que permitem cogitar a presença da voz poética em performance. Para isso, inicialmente, apresenta-se a necessidade de uma viragem epistemológica que rompa com os paradigmas grafocentristas a partir de Ong (1998), Zumthor (1993, 2010), Lemaire (1987, 2013) e Havelock (1996). Posteriormente, faz-se o levantamento e análise das possíveis marcas textuais da voz em performance, sobretudo a dêixis verbal delocutiva e a dêixis adverbial locativa e temporal, em seis tensões medievais, valendo-se de quadros expositivos dos dados averiguados. Por fim, delimita-se, a partir da investigação realizada anteriormente, os procedimentos metodológicos sugeridos que proporcionam uma Filologia da voz em performance nas cantigas medievais galego portuguesas. Além das referências já mencionadas, recorre-se a Dubois *et al.* (2014), e, como fonte dos textos poéticos estudados, a Aguiar (2023).

Palavras-chave: Filologia; voz em performance; cantigas medievais galego-portuguesas.

Abstract: This article aims to expand the scope of philological science in relation to the Theory of Literature, turning to textual marks in medieval Galician-Portuguese manuscripts that allow us to consider the presence of the poetic voice in performance. In order to achieve this, there is initially the need for an epistemological change that breaks with graphocentric paradigms from Ong (1998), Zumthor (1993, 2010), Lemaire (1987, 2013) and Havelock (1996). Subsequently, it is done the survey and analysis of possible textual marks of the voice in performance, especially the delocutive verbal deixis and the locative and temporal adverbial deixis, in the six medieval tensions, using expository paintings of the data ascertained in the tensions. Finally, it is delimited, from the previous research, the suggested methodological procedures that provide a Philology of the voice in performance in Galician-Portuguese medieval songs. In addition to the references already mentioned, we refer to Dubois *et al.* (2014) and, as a source of the poetic texts studied, to Aguiar (2023).

Keywords: Philology; voice in performance; Galician-Portuguese medieval songs.

Introdução

O objetivo deste trabalho é propor procedimentos metodológicos para uma Filologia da voz em performance nas cantigas medievais galego-portuguesas. De imediato, pode parecer estranho propor uma Filologia da voz em performance, uma vez que ela se volta para o estudo da tradição manuscrita de uma determinada cultura, todavia, em muitos desses manuscritos, permanecem indícios daquilo que um dia foi voz performatizada. Assim, é possível construir passos metodológicos que deem conta desse fenômeno. Para tal, é preciso aventar uma viragem epistemológica que passe distante dos paradigmas grafocentristas da ciência filológica.

Antes de tudo, nessa introdução, é preciso assinalar que se entende a Filologia como uma ciência ampla. Ela relaciona-se com a Linguística, com a qual é mais frequentemente associada, e com a História da Literatura. Aqui, proponho um viés que aproxima Filologia e Teoria da Literatura por meio da História da Literatura sem prescindir de pressupostos da Linguística, aventando uma nova perspectiva para os estudos filológicos.

Viragem epistemológica e superação dos paradigmas grafocentristas

O debate acerca da equação oralidade-escrita desenvolveu-se, difusamente, nas ciências humanas ao longo do século XX. Conforme assinala Walter Ong, esse debate sobre a contraposição entre os modos de expressão orais e escritos foram “iniciados inquestionavelmente com o estudo de Milman Parry (1902-1935) sobre o texto da *Ilíada* e da *Odisseia*¹ – concluído por Albert B. Lord depois da morte prematura de Parry” (Ong, 1998, p. 14). No âmbito da literatura medieval, as contribuições mais significativas quanto à função da voz e da letra se deram por Paul Zumthor (1993, 2010), sobretudo, com *Introdução à poesia oral*, de 1983 [2010], e *A letra e a voz*, de 1984 [1993]. A partir disso, ocorreu uma disputa de ideias ainda presente, sendo propício retomar as proposições enunciadas por Ria Lemaire na sua tese de doutoramento, *Passions et positions*, defendida na Universidade de Utrecht e publicada em Amsterdã em 1987:

Il y dans les sciences humaines un mythe que constitue probablement un mythe central: la vraie littérature, l'unique tradition littéraire occidentale, c'est la littérature écrite, et écrite par l'homo sapiens, qui dans une tradition séculaire fondée par l'archipoète Homère, y a consigné les vérités essentielles et les valeurs universelles de l'humanité. Essentialisme et universalisme, voilà les deux épistèmes que l'homo sapiens ne cesse de se répéter depuis des siècles. Ce n'est que tout récemment que les critiques commencent à ébranler sérieusement ce mythe solidement enraciné dans notre culture et à démontrer que le point de départ de notre civilisation moderne, aussi bien que celui de la civilisation gréco-latine, a été tout autre: ce sont les traditions orales qui, indéniablement, existaient avant la venue de l'écriture (Havelock, Ong, Zumthor). Etroitement liée à cette thèse, on en rencontre une seconde: ces traditions orales ne constituent pas un stade antérieur, primitif, le préambule encore fruste et imparfait de la littérature

¹ Optei por atualizar a ortografia nas citações conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente.

écrite, mais bien au contraire un monde, une culture, des formes de communication essentiellement différents que les convictions établies des sciences humaines, fondée sur ‘scriptocentrisme’ (Lemaire T., 1984) irréfléchi, ne font que déformer et rendre incompréhensibles (Lemaire, 1987, p. 20-21).²

No excerto acima, a pesquisadora holandesa refere-se a um mito presente nas ciências humanas: “a única, a verdadeira tradição literária ocidental”³ (Lemaire, 1987, p. 20) é a escrita. Essa concepção remete a uma perspectiva grafocentrista que se apoia na “antiga tendência de sacralizar a letra” (Zumthor, 2010, p. 8). Outrossim, a estudiosa assinala que, para uma ruptura com esse ponto de vista, considerando as tradições orais fora da ótica que as percebe como primitivas e atrasadas, é preciso compreender as relações entre oralidade e escrita. Como sugere Ong (1998, p. 10):

Compreender as relações entre oralidade e cultura escrita e as implicações dessas relações não é uma questão de psico-história ou de fenomenologia presentes. Isso requer conhecimento amplo – vasto mesmo –, reflexão árdua e afirmações cautelosas. As questões não são apenas profundas e complexas, elas também envolvem nossos próprios preconceitos. Nós – leitores de livros como este – estamos tão imersos na cultura escrita que encontramos muita dificuldade em conceber um universo oral de comunicação e pensamento, salvo como uma variante de um universo impresso.

Essa nova compreensão passa por não só um procedimento amplo no que se refere às tradições orais como também um entendimento que relativize a percepção que se tem como partícipe de uma “sociedade das letras”, possibilitando que se “ouça as vozes do passado e do presente”. À vista disso, a relativização da percepção letrada passa por uma exclusão da ocorrência de uma “revolução” que promoveu a passagem da voz para a letra, pois, como propõe Eric Havelock (1996) ao analisar a “revolução da literacia” no contexto da Grécia Antiga:

A palavra revolução, apesar de conveniente e na moda, pode enganar, se for usada para sugerir a substituição, de um só golpe, de um meio de comunicação por outro. A musa nunca se tornou a amante abandonada da Grécia. Aprendeu a escrever e a ler enquanto ainda continuava a cantar

² Há nas ciências humanas um mito que constitui provavelmente um mito central: a verdadeira literatura, a única tradição literária ocidental, é a literatura escrita, e escrita pelo homo sapiens, em que uma tradição secular fundada pelo arquiopoeta Homero consigna as verdades essenciais e valores universais da humanidade. Essencialismo e universalismo são as duas epistemes que o homo sapiens não cessa de repetir durante séculos. Só muito recentemente é que os críticos começam a abalar seriamente esse mito solidamente enraizado na nossa cultura e a demonstrar que o ponto de partida da nossa civilização moderna, bem como a da civilização greco-romana, era completamente outro: estas são tradições orais que, indubitavelmente, existiram antes do advento da escrita (Havelock, Ong, Zumthor). Intimamente ligada a essa tese, encontramos uma segunda: essas tradições orais não constituem um estágio anterior, primitivo, um preâmbulo ainda bruto e imperfeito da literatura escrita, mas sim um mundo, uma cultura, com formas de comunicação essencialmente diferentes que as convicções estabelecidas das ciências humanas, fundadas no ‘scriptocentrismo’ (Lemaire T. 1984) irrefletido, não fazem mais que deformar e transformar em incompreensíveis (Lemaire, 1987, p. 20-21).

³ No original: “La vraie littérature, l’unique tradition littéraire occidentale” (Lemaire, 1987, p. 20).

(Havelock, 1996, p. 35).

A abordagem de Havelock de uma convivência entre a oralidade e a escritura no mundo grego antigo é válida para a Baixa Idade Média. Conforme aponta Lemaire (2013), ocorreu uma paulatina passagem da voz para a manuscrita e desta para a escrita tipográfica. Além disso, a autora ainda ressalta a coexistência dos meios de comunicação oral, manuscrito e tipográfico, acrescentando que

Durante séculos, o verbo *ler* significará: declamar ou cantar um texto ditado/escrito perante um público, antes de se tornar também, através de fases transitórias como ler em voz baixa ou com os lábios só, essa atividade silenciosa dos tempos modernos que não precisa mais da voz do ser humano, nem da boca como seu instrumento (Lemaire, 2013, p. 9).

Lemaire (2013) conclui que tanto o verbo “ler” quanto o “escrever” modificam os seus sentidos até chegarem às acepções que possuem atualmente. Na Baixa Idade Média, “escrever” significava “transportar para o papel a palavra cantada/declamada/ditada, manuscrever ou transcrevê-la como suporte da memória oral”, diferenciando-se do “ato da escrita moderna que é muito mais um compor-escrevendo” (Lemaire, 2013, p. 9).

Na trajetória de mudança de significação dos verbos “ler” e “escrever”, faz-se necessário avaliar a existência da escrita em relação a cada contexto histórico específico. Dito de outra forma, de acordo com as palavras de Zumthor (1993), é preciso considerar que

Doze ou quinze gerações de intelectuais formados à europeia, escravizados pelas técnicas escriturais e pela ideologia que elas secretam, haviam perdido a faculdade de dissociar da ideia de poesia a de escritura. O “resto”, marginalizado, caía em descrédito: carimbado “popular” em oposição a “erudito”, “letrado”; tirado (fazem-no ainda hoje em dia) de um desses termos compostos que mal dissimulam um julgamento de valor, “infra”, “paraliteratura” ou seus equivalentes em outras línguas. Mesmo em 1960-5, ao menos na França, prejudicava gravemente o prestígio de um texto do (suponhamos) século XII a possibilidade de provar-se que seu modo de existência havia sido principalmente oral. De tal texto admirado, tido por “obra-prima”, um preconceito muito forte impedia a maioria dos leitores eruditos de admitir que tivesse podido não haver sido nunca escrito e, na intenção do autor, não haver sido oferecido somente à leitura (Zumthor, 1993, p. 8).

O erudito suíço adverte que se procedeu à “marginalização” da produção oral medieval, denominada como *infra* ou *paraliteratura*. Fora isso, Zumthor (1993) lembra que a concepção grafocentrista promove a negação, por exemplo, da oralidade em um texto do século XII. Isso advém da percepção letreada “à europeia” e da sujeição às “técnicas escriturais e pelas ideologias que a secretam” e de um ponto de vista homogêneo do extenso período nomeado “Idade Média”:

A partir do século XVII, denominou-se “Idade Média” o longo período que se estende da queda do Império Romano do Ocidente à descoberta da

América. Essa expressão cristalizada interpõe-se entre o historiador e a história, sendo melhor, portanto, afastá-la: estorva principalmente o estudo da literatura francesa antiga, fazendo supor uma unidade que ela não possui (Zumthor, 1972, p. 9).

A citação é o excerto inicial do capítulo “Do românico ao gótico” do primeiro volume sobre literatura francesa da *Encyclopédia Larousse*, subintitulado sugestivamente de “Não existe ‘Idade Média’”. A passagem, mesmo que referente à literatura francesa, estende-se para além dessa, e Zumthor (1972) destaca a ausência de unidade ao período medieval.

Consoante à reflexão até aqui realizada, é possível pensar a transição da oralidade para a escritura não reduzida a uma homogeneização que, de fato, historicamente, não ocorreu. Isso aponta para uma viragem epistemológica que, no que se refere à Baixa Idade Média, permite conceber que os poetas desse período fizeram uso da tecnologia escrita em subordinação à voz, conforme propõe Lemaire (2013):

Os poetas da oralidade medieval já utilizavam a tecnologia da escrita de duas maneiras. Como fonte de renda primeiramente: eles produziam (ou ditavam a alguém que sabia escrever) folhas soltas e cadernos manuscritos que eram vendidos nas feiras, festas e praças públicas durante suas andanças pelo mundo. Também utilizavam manuscritos – cadernos – como suporte da memória, para registrar textos mais longos, – tais como textos épicos –, os chamados “manuscritos ou cadernos de jograis” que poetas e poetisas ambulantes levavam em suas bagagens ou, se eram também mascates, em suas maletas ou cestas (Lemaire, 2013, p. 11).

A tecnologia da escrita assumiu a função de assistência ao processo mnemônico, manifestando como apoio à memorização de composições, sobretudo as mais longas, por vezes produzidas em performance. Além disso, a escrita materializou-se como fonte de renda por meio das folhas soltas e dos cadernos de jograis na dimensão 11x16 cm, coincidentemente a mesma medida dos cordéis nordestinos, o que facilitava o seu transporte, adequando-se à vida nômade dos jograis e de alguns trovadores. Com isso, é possível dizer que, na Baixa Idade Média, não ocorreu uma oposição entre oralidade e escrita, mas existiu uma convivência harmônica entre elas.

As considerações realizadas contribuem para uma nova visada na ciência filológica. Assim, a Filologia, tão apegada às fontes escritas, concebida fora dos paradigmas grafocêntricos, pode ter como foco de pesquisa os vestígios da voz em performance presentes nos textos medievais do Trovadorismo galego-português. Para isso, é preciso fazer-se uso de índices textuais verificáveis por meio de suportes advindos da análise do discurso própria da Linguística.

Procedimentos metodológicos: dêixis verbal delocutiva e dêixis adverbial locativa e temporal em tenções medievais galego-portuguesas

Nos procedimentos metodológicos que proponho, possui especial relevo a dêixis, entendida como “as referências” a uma “situação [de comunicação] definida pelas coordenadas espaço-temporais: o sujeito refere o seu enunciado ao momento da

enunciação, aos participantes na comunicação e ao lugar em que o enunciado se produz” (Dubois *et al.*, 2014, p. 158). Para tornar a exposição do processo de identificação e análise da dêixis como índice da voz em performance, classifico-a em dois tipos: a dêixis verbal delocutiva, compreendida pelos verbos e locuções verbais “que denotam uma atividade do discurso” (Dubois *et al.*, 2014, p. 159), e a dêixis adverbial locativa e temporal, composta pelos advérbios e pelas locuções adverbiais de lugar e de tempo. Nesse sentido, considero útil esclarecer que a dêixis refere-se ao conjunto de dêiticos, elementos linguísticos individuais, que remetem “(1) à situação em que o enunciado é produzido; (2) ao momento do enunciado (tempo e aspecto do verbo); (3) ao falante (modalização)” (Dubois *et al.*, 2014, p. 158). Ademais, para ilustrar o procedimento metodológico sugerido, faço uso de algumas tenções, gênero de cantigas trovadorescas em que ocorre o debate entre dois poetas (trovadores, segréis ou jograis), editadas por Rafael Hofmeister de Aguiar (2023). Acerca da abordagem dessas, efetuo o inventário dos dêiticos presentes nos textos e analiso-os com base no conteúdo e significação dos versos em que se encontram e dos versos a que se referem nas tenções. Em termos sistemáticos, inicialmente, é possível delimitar quatro passos metodológicos na análise proposta: 1) inventário da dêixis verbal delocutiva; 2) análise da dêixis verbal delocutiva relacionada ao conteúdo dos versos da cantiga; 3) inventário das dêixis adverbiais locativa e temporal; e 4) análise das dêixis adverbiais locativa e temporal relacionadas ao conteúdo dos versos da cantiga.

No concernente à dêixis verbal delocutiva, é preciso fazer o levantamento das ocorrências nos poemas dos verbos “dizer”, “falar”, “escutar”, “ouvir”, “perguntar” e “responder” por se referirem a uma atividade do discurso. Não menos importantes, assinalando que se trata de cantigas – composições produzidas para o acompanhamento e para a performance musicais–, são os verbos “cantar” e “tocar”. A título de exemplo, apresento os dêiticos presentes em três tenções: “Joan Soares, de pran as melhores” (Bolseiro; Coelho, 2023), “Pero Martiins, ora por caridade” (Gil; Martins, 2023) e “Quen ama Deus, Lourenç’, am’a verdade” (Coelho; Lourenço, 2023). Primeiramente, exponho no quadro abaixo a dêixis verbal delocutiva do primeiro texto.

Quadro 1 – Verbos e locuções verbais delocutivas em “Joan Soares, de pran as melhores”

Verbo ou locução verbal na tenção	Pessoa verbal	Modo verbal	Tempo verbal
direi (duas vezes)	1ª pessoa do singular	Indicativo	Futuro do presente
fiz-lhe dizer	1ª pessoa do singular	Indicativo	Pretérito perfeito
dezia	3ª pessoa do singular	Indicativo	Pretérito imperfeito

Fonte: elaborado pelo autor (2024).



[Descrição] Verbo ou locução verbal na tenção: direi (duas vezes), Pessoa verbal: 1^a pessoa do singular, Modo verbal: Indicativo, Tempo verbal: Futuro do presente
 Verbo ou locução verbal na tenção: fiz-lhe dizer, Pessoa verbal: 1^a pessoa do singular, Modo verbal: Indicativo, Tempo verbal: Pretérito perfeito
 Verbo ou locução verbal na tenção: dezia, Pessoa verbal: 3^a pessoa do singular, Modo verbal: Indicativo, Tempo verbal: Pretérito imperfeito [Fim da descrição].

Essa tenção apresenta poucos dêiticos verbais delocutivos. Apenas é possível constatar a ocorrência do verbo “dizer” no modo indicativo nos tempos futuro do presente (“direi”), pretérito perfeito (“fiz-lhe dizer”) e pretérito imperfeito (“dezia”), referindo este último a uma situação anterior ao debate entre Bolseiro e Coelho. Entretanto, os dêiticos são importantes para a identificação da voz em performance. A forma verbal “direi” indica um enunciado que será ainda dito, indicando que o discurso é proferido naquele momento, pressupondo-se que a composição é realizada ao mesmo tempo que a performance. O uso da locução no pretérito perfeito “fiz-lhe dizer” também remonta a um instante do debate poético, nesse caso anterior ao que está sendo dito, ou seja, João Soares Coelho afirma que fez, com as suas inquirições na primeira estrofe, Juião Bolseiro, na segunda estrofe, falar aquilo que ele queria. Desse modo, tal circunstância, reforçada pelo dêítico, remete à composição em pleno ato performático, em que a alocução, concebida como “ato pelo qual um falante se dirige a outrem” (Dubois et al., 2014, p. 36), de um debatedor influí na resposta do adversário, o que, de certa maneira, pressupõe a possibilidade de produção poética em improviso em plena performance.

O quadro abaixo se ocupa da dêixis verbal delocutiva em “Pero Martiins, ora por caridade”.

Quadro 2 – Verbos e locuções verbais delocutivas em “Pero Martiins, ora por caridade”

Verbo ou locução verbal na tenção	Pessoa verbal	Modo verbal	Tempo verbal
dizede-mi	2 ^a pessoa do plural	Imperativo	
diz	3 ^a pessoa do singular	Indicativo	Presente
dizede	2 ^a pessoa do plural	Imperativo	
ascoitade	3 ^a pessoa do singular	Indicativo	Presente
preguntade	2 ^a pessoa do plural	Imperativo	
respondestes (duas vezes)	2 ^a pessoa do plural	Indicativo	Pretérito perfeito
digades	2 ^a pessoa do plural	Imperativo	
dig'assi (digo assi)	1 ^a pessoa do singular	Indicativo	Presente

Fonte: elaborado pelo autor (2024).



[Descrição] Verbo ou locução verbal na tenção: dizede-mi, Pessoa verbal: 2ª pessoa do plural, Modo verbal: Imperativo

Verbo ou locução verbal na tenção: diz, Pessoa verbal: 3ª pessoa do singular, Modo verbal: Indicativo, Tempo verbal: Presente

Verbo ou locução verbal na tenção: dizede, Pessoa verbal: 2ª pessoa do plural, Modo verbal: Imperativo

Verbo ou locução verbal na tenção: ascoitade, Pessoa verbal: 3ª pessoa do singular, Modo verbal: Indicativo, Tempo verbal: Presente

Verbo ou locução verbal na tenção: preguntade, Pessoa verbal: 2ª pessoa do plural, Modo verbal: Imperativo

Verbo ou locução verbal na tenção: respondestes (duas vezes), Pessoa verbal: 2ª pessoa do plural, Modo verbal: Indicativo, Tempo verbal: Pretérito perfeito

Verbo ou locução verbal na tenção: digades, Pessoa verbal: 2ª pessoa do plural, Modo verbal: Imperativo

Verbo ou locução verbal na tenção: dig'assi (digo assi), Pessoa verbal: 1ª pessoa do singular, Modo verbal: Indicativo, Tempo verbal: Presente [Fim da descrição].

Nessa cantiga, abundam os dêiticos verbais delocutivos: estão presentes dois verbos no modo imperativo e cinco no modo indicativo. No modo imperativo, há a presença duas vezes de “dizede” (variação de “digade”), “dized'mi quen é comendador” (“dizei quem é comendador”⁴) e “Se sabedes, dizede verdade” (“Se sabeis, dizei a verdade”) na primeira estrofe que é enunciada por Vasco Gil, e uma vez de “perguntade”, “se mais quise[r]des, por mais perguntades” (“se mais quiserdes, por mais perguntais”) na primeira estrofe proferida por Pero da Ponte. Nos versos citados de Gil, ele exige que Pero da Ponte lhe diga no próprio instante de execução da tenção quem são os comendadores da Ordem do Hospital, pondo em xeque o saber deste. No que tange aos verbos no indicativo, apesar da predominância do tempo presente (quatro ocorrências), que indicam a concomitância da composição do enunciado com a sua enunciação, entendo como mais expressivo o uso duas vezes de “respondestes” (“Pero Martiins, mui bem respondestes” – “Pero Martins, muito bem respondestes” – e “Pero Martiins, respondestes tan ben” – “Pero Martins, respondeste tão bem”) por Vasco Gil na terceira e na quinta estrofes, por se referir às respostas dadas anteriormente na segunda e na quarta estrofes por Pero Martins, o que pode ser ponderado como índice do ato de composição pela voz em performance.

No quadro que segue, ocupo-me dos dêiticos verbais delocutivos presentes em “Quen ama Deus, Lourenç’, am'a verdade”.

Quadro 3 – Verbos e locuções verbais delocutivas em “Quem ama Deus, Lourenç’, am'a verdade”

Verbo ou locução verbal na tenção	Pessoa verbal	Modo verbal	Tempo verbal
digo	1ª pessoa do singular	Indicativo	Presente
dizes	2ª pessoa do singular	Indicativo	Presente
ascuitade	2ª pessoa do plural	Imperativo	
direi	1ª pessoa do singular	Indicativo	Futuro do presente
oía	1ª pessoa do singular	Indicativo	Pretérito imperfeito

Fonte: elaborado pelo autor (2024).

⁴ Apresento junto com a citação dos versos em galego medieval as suas respectivas versões no português contemporâneo propostas por Aguiar (2023).



[Descrição] Verbo ou locução verbal na tenção: digo, Pessoa verbal: 1ª pessoa do singular, Modo verbal: Indicativo, Tempo verbal: Presente

Verbo ou locução verbal na tenção: dizes, Pessoa verbal: 2ª pessoa do singular, Modo verbal: Indicativo, Tempo verbal: Presente

Verbo ou locução verbal na tenção: ascuitade, Pessoa verbal: 2ª pessoa do plural, Modo verbal: Imperativo

Verbo ou locução verbal na tenção: direi, Pessoa verbal: 1ª pessoa do singular, Modo verbal: Indicativo, Tempo verbal: Futuro do presente

Verbo ou locução verbal na tenção: oía, Pessoa verbal: 1ª pessoa do singular, Modo verbal: Indicativo, Tempo verbal: Pretérito imperfeito [Fim da descrição].

Menos abundantes que na tenção anterior são os dêiticos verbais delocutivos em “Quen ama Deus, Lourenç’, am’a verdade”. Nessa, além dos verbos no tempo presente do modo indicativo, sugerindo a produção do discurso no instante da enunciação, sobressaem o uso do imperativo “auscuitade” (escutai) e do indicativo no futuro do presente “direi”. Ambos assinalam um momento posterior da alocução de Lourenço na segunda estrofe. O jogral, inicialmente, pede ou ordena que o trovador João Soares Coelho escute o que ele vai dizer nessa ocasião – “Joan Soares, ora m’ascuitade” (“João Soares, agora me escutai”) – para, posteriormente, revelar que tem algo ainda a dizer – “direi-vos mais” (“dir-vos-ei mais”) –, aconselhando Coelho a ir discutir com João Garcia de Guilhade – “lá con Joan Garcia baratade” (“lá com João Garcia discutir”). Aqui, já se antecipa a ocorrência de um dêitico adverbial temporal: “ora” (“agora”), remetendo à voz poética em performance.

Para ilustrar a proposta acerca da dêixis verbal locativa e temporal, abordo três tenções: “Joan Vaásquez, moiro por saber” (Lourenço; Talaveira, 2023), “Joan Baveca, fé que vós devedes” (Ambroa; Baveca, 2023) e “Rodrig'Eanes, queria saber” (Lourenço, Álvares, 2023). Sintetizo no quadro abaixo a dêixis adverbial locativa e temporal da primeira cantiga.

Quadro 4 – Advérbios e locuções adverbiais de lugar e tempo em “Joan Vaásquez, moiro por saber”

Verso da tenção	Advérbio ou locução adverbial	Classificação do advérbio ou locução adverbial
eu trobo ben quando quero trobar	quando	Temporal
pero non quero sempre fazer	sempre	Temporal
se te deitan por en de Portugal	de Portugal	Locativa
- Joan Vaásquez, nunca roubei ren,	nunca	Temporal
porque mi deitassen, mais vin aqui	aqui	Locativa

Fonte: elaborado pelo autor (2024).



[Descrição] Verso da tenção: eu trobo ben quando quero trobar, Advérbio ou locução adverbial: 1 quando, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Temporal
 Verso da tenção: pero non quero sempre fazer, Advérbio ou locução adverbial: 2 sempre, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Temporal
 Verso da tenção: se te deitan por en de Portugal, Advérbio ou locução adverbial: 3 de Portugal, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Locativa
 Verso da tenção: - Joan Vaásquez, nunca roubei ren, Advérbio ou locução adverbial: 4 nunca, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Temporal
 Verso da tenção: porque mi deitassen, mais vin aqui, Advérbio ou locução adverbial: 5 aqui, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Locativa [Fim da descrição].

Na tenção, ocorrem três dêiticos temporais e dois locativos. Desses, somente o locativo “de Portugal” e o temporal “nunca” não remetem à voz em performance. Os advérbios “quando” e “sempre” identificam dois momentos e dois aspectos qualitativos do trovar de João Vasques de Talaveira; ele trova bem quando assim o deseja fazer, entretanto nem sempre assim procede, praticando e enunciando versos de pouca qualidade poética. Por sua vez, o locativo “aqui” indica o local, indefinido para o leitor atual, em que acontece a performance e que serve para Lourenço exercer o seu ofício de jogral, uma vez que declara “vin aqui/ por gaar algo” (“vim aqui/ para ganhar algo” – ganhar alguma remuneração pelo trabalho jograesco executado), indicando a presença de um auditório para a execução poético-musical do trovador (Talaveira) e do jogral (Lourenço). Com isso, é perceptível que a cantiga apresenta uma dêixis adverbial locativa e temporal que indicia o trânsito oral performativo.

Abaixo, apresento a dêixis adverbial locativa e temporal em “Joan Baveca, fé que vós devedes”.

Quadro 5 – Advérbios e locuções adverbiais de lugar e tempo em “Joan Baveca, fé que vós devedes”

Verso da tenção	Advérbio ou locução adverbial	Classificação do advérbio ou locução adverbial
que me digades ora ūa ren	ora	Temporal
ante digo dos que faz trobador	ante (antes)	Temporal
os meus cantares dizer ant'algúén,	ant' (ante)	Locativa
direi-vos ora como vos avén:	ora	Temporal
nunca por en contra mi per dizedes.	nunca	Temporal
aqui ante todos leix'eu a tençon;	aqui	Locativa
aqui ante todos leix'eu a tençon;	ante	Locativa

Fonte: elaborado pelo autor (2024).



[Descrição] Verso da tenção: que me digades ora ūa ren, Advérbio ou locução adverbial: 1 ora, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Temporal
 Verso da tenção: ante digo dos que faz trobador, Advérbio ou locução adverbial: 2 ante (antes), Classificação do advérbio ou locução adverbial: Temporal
 Verso da tenção: os meus cantares dizer ant'algúén, Advérbio ou locução adverbial: 3 ant' (ante), Classificação do advérbio ou locução adverbial: Locativa
 Verso da tenção: direi-vos ora como vos avén:, Advérbio ou locução adverbial: 4 ora, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Temporal
 Verso da tenção: nunca por en contra mi per dizedes., Advérbio ou locução adverbial: 5 nunca, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Temporal
 Verso da tenção: aqui ante todos leix'eu a tençon;, Advérbio ou locução adverbial: 6 aqui, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Locativa
 Verso da tenção: aqui ante todos leix'eu a tençon;, Advérbio ou locução adverbial: 7 ante, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Locativa [Fim da descrição].

Ao contrário da tenção anterior que apresentava dois dêiticos que não se aludiam à performance, nessa todos sugerem o ato de enunciação poética e musical, por isso é preciso os examinar em sua totalidade. O primeiro e o quarto dêiticos são o mesmo – “ora” – e indicam duas circunstâncias distintas, mas que apresentam similitudes: na primeira (“que me digades ora ūa ren” – “dize-me agora uma coisa”), Pero Garcia de Ambroa solicita a João Baveca que lhe diga uma coisa, fazendo, de certa forma, menção a um momento posterior do discurso do adversário poético; na segunda (“direi-vos ora como avén” – “dir-vos-ei agora o que advém”), Ambroa faz referência a algo que ainda vai enunciar, reportando-se à sua própria alocução. O segundo dêitico – “ante”/“antes” –, utilizado por João Baveca, aponta para a enunciação dele próprio; antes de responder à pergunta de Ambroa (“cantar d'amor de quen non sab'amar/ que me digades porque lho dizedes” – “cantar de amor de quem não sabe amar,/ o que dizeis sobre o que lhe disse”), diz quais são as qualidades necessárias para um trovador (“ante digo do que faz trobador/ que troba ben” – “antes digo o que faz um trovador/ que trova bem”). O terceiro e sétimo dêiticos – “ante”/“diante” – assim como o sexto – “aqui” – assinalam o local da performance, indicando a existência de um público ouvinte (“os meus cantares dizer ant'algúén” – “os meus cantares dizer diante de alguém” – e “aqui ante todos leix'eu a tençon” – “aqui diante de todos deixo a tenção”). Por fim, o quinto dêitico – “nunca” – delineia o conteúdo dos versos que, segundo Ambroa, Baveca não pode pronunciar naquele momento e outros por virem (“nunca por en contra min per dizedes” – “nunca por isso contra mim dizeis”). Assim, a dêixis adverbial locativa e temporal carrega uma série de marcas indiciais do exercício poético-musical dos poetas diante de um auditório no ambiente cortesão.

No último quadro desta seção, inventario os dêiticos adverbiais locativos e temporais em “Rodrig'Eanes, queria saber”.

Quadro 6 – Advérbios e locuções adverbiais de lugar e tempo em “Rodrig'Eanes, queria saber”

Verso da tenção	Advérbio ou locução adverbial	Classificação do advérbio ou locução adverbial
de vós por que m'ides sempre	sempre	Temporal



Verso da tenção	Advérbio ou locução adverbial	Classificação do advérbio ou locução adverbial
travar		
en meus cantares; ca sei ben trobar;	en meus cantares	Locativa
e a vós nunca vos vimos fazer	nunca	Temporal
ca nunca te vimos fazer cantar	nunca	Temporal
- Rodrig'Eanes, sempr'eu loarei	sempr' (sempre)	Temporal
non haverá en teu cantar sabor,	en teu cantar	Locativa
nen cho colherán en casa del-rei.	en casa del-rei	Locativa
- Rodrig'Eanes, u meu cantar for,	u	Locativa
e vejo-t'ora mui gran loador	ora	Temporal

Fonte: elaborado pelo autor (2024).

[Descrição] Verso da tenção: de vós por que m'ides sempre travar, Advérbio ou locução adverbial: 1 sempre, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Temporal

Verso da tenção: en meus cantares; ca sei ben trobar;, Advérbio ou locução adverbial: 2 en meus cantares, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Locativa

Verso da tenção: e a vós nunca vos vimos fazer, Advérbio ou locução adverbial: 3 nunca, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Temporal

Verso da tenção: ca nunca te vimos fazer cantar, Advérbio ou locução adverbial: 4 nunca, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Temporal

Verso da tenção: - Rodrig'Eanes, sempr'eu loarei, Advérbio ou locução adverbial: 5 sempr' (sempre), Classificação do advérbio ou locução adverbial: Temporal

Verso da tenção: non haverá en teu cantar sabor, Advérbio ou locução adverbial: 6 en teu cantar, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Locativa

Verso da tenção: nen cho colherán en casa del-rei., Advérbio ou locução adverbial: 7 en casa del-rei, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Locativa

Verso da tenção: - Rodrig'Eanes, u meu cantar for, Advérbio ou locução adverbial: 8 u, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Locativa

Verso da tenção: e vejo-t'ora mui gran loador, Advérbio ou locução adverbial: 9 ora, Classificação do advérbio ou locução adverbial: Temporal [Fim da descrição].

Nessa tenção, assim como na anterior, todos os dêiticos adverbiais locativos e temporais referem-se à execução poética em performance. Todos eles, de certa forma, estão ligados ao ato de cantar: por meio da crítica ao cantar do outro – “sempre travar/ en meus cantares” [“sempre me criticar/ em meus cantares”] (1 e 2) e “non haverá en teu cantar sabor” [“não haverá em teu cantar sabor”] (6); por meio da constatação da ausência de composições próprias pronunciadas em performance – “e a vós nunca vos vimos fazer/ cantar d'amor nen d'amigo” [“e a vós nunca vos vimos fazer/ cantar de amor ou de amigo”] (3) e “ca nunca te vimos fazer cantar” [“pois nunca te vimos fazer um cantar”] (4); mediante a previsão de performances futuras – “Rodrig'Eanes, sempr'eu loarei/ os cantares que mui ben feitos viir” [“Rodrigo Eanes, sempre eu louvarei/ os cantares que muito bem feitos vier”] (5) e “Rodrig'Eanes, u meu cantar for” [“Rodrigo Eanes, onde o meu cantar for”] (8); e por intermédio da ironia do autoelogio das qualidades poético-musicais – “e vejo-t'ora mui gran loador” [“e vejo-te agora muito grande louvador”] (9).

Dessa forma, diante do exposto, arrisco-me a afirmar que foi possível constatar como



a dêixis verbal delocutiva e a dêixis adverbial locativa e temporal são capazes de apontar para a ocorrência da voz poética em performance nas cantigas medievais: há dêiticos verbais que evidenciam a concomitância da composição do enunciado e da enunciação, ou seja, da “produção, transmissão e recepção” (Zumthor, 2010, p. 32), e ocorrem dêiticos adverbiais locativos e temporais que remetem à presença de um público receptor no próprio momento da execução performática oral de trovadores e jograis. Realizada essa tarefa, faz-se necessário esclarecer, mesmo que, com isso, cometa-se uma tautologia, a metodologia aventada para uma Filologia da voz poética em performance.

Delimitação breve da metodologia para uma filologia da voz em performance

Neste artigo, comprehendo a metodologia como os procedimentos ordenados para a realização de uma determinada tarefa com um objetivo específico sem que isso resulte em um “manual de instruções” que impossibilite acréscimos, substituições e supressões de um ou mais passos a serem seguidos. Em tal sentido, pressuponho que as etapas para a verificação da presença da voz poética em performance nos manuscritos de que se ocupa a Filologia são as descritas no quadro que segue.

Quadro 7 – Procedimentos metodológicos

Etapa	Procedimento	Descrição do procedimento
1	Inventário da dêixis verbal delocutiva.	Inventariar a dêixis verbal delocutiva do texto, com relevo aos verbos “dizer”, “falar”, “escutar”, “ouvir”, “perguntar”, “responder”, “cantar” e “tocar”.
2	Análise da dêixis verbal delocutiva.	Analizar os dêiticos delocutivos do texto (arrolados no passo anterior – “1 - Inventário da dêixis verbal delocutiva”) relacionados aos conteúdos dos versos em que cada um dos dêiticos se encontra e dos versos a que cada um deles faz referência, almejando a verificação da pertinência ou não desses dêiticos como índices da voz poética em performance.
3	Inventário das dêixis adverbiais locativa e temporal.	Inventariar a dêixis adverbial locativa e temporal do texto, identificando aqueles que se referem ao momento e espaço da performance.
4	Análise das dêixis adverbiais locativa e temporal.	Analizar os dêiticos locativos e temporais do texto (arrolados no passo anterior – “3 - Inventário das dêixis adverbiais locativa e temporal”), relacionados aos conteúdos dos versos em que cada um dos dêiticos se encontra e dos versos a que cada um deles faz referência, almejando a verificação da pertinência ou não desses dêiticos como índices da voz em performance.
5	Verificação dos dados em relação à voz em performance.	Estabelecer se as análises provenientes das etapas 2 (“Análise da dêixis verbal delocutiva”) e 4 (“Análise das dêixis adverbiais locativa e temporal”) possibilitam a hipótese da presença da voz em performance no texto.

Fonte: elaborado pelo autor (2024).



[Descrição] Etapa: 1, Procedimento: Inventário da dêixis verbal delocutiva, Descrição do procedimento: Inventariar a dêixis verbal delocutiva do texto, com relevo aos verbos “dizer”, “falar”, “escutar”, “ouvir”, “perguntar”, “responder”, “cantar” e “tocar”

Etapa: 2, Procedimento: Análise da dêixis verbal delocutiva, Descrição do procedimento: Analisar os dêiticos delocutivos do texto (arrolados no passo anterior – “1 - Inventário da dêixis verbal delocutiva”) relacionados aos conteúdos dos versos em que cada um dos dêiticos se encontra e dos versos a que cada um deles faz referência, almejando a verificação da pertinência ou não desses dêiticos como índices da voz poética em performance

Etapa: 3, Procedimento: Inventário das dêixis adverbiais locativa e temporal, Descrição do procedimento: Inventariar a dêixis adverbial locativa e temporal do texto

Etapa: 4, Procedimento: Análise das dêixis adverbiais locativa e temporal, Descrição do procedimento: Analisar os dêiticos locativos e temporais do texto (arrolados no passo anterior – “3 - Inventário das dêixis adverbiais locativa e temporal”), relacionados aos conteúdos dos versos em que cada um dos dêiticos se encontra e dos versos a que cada um deles faz referência, almejando a verificação da pertinência ou não desses dêiticos como índices da voz em performance

Etapa: 5, Procedimento: Verificação dos dados em relação à voz em performance, Descrição do procedimento: Estabelecer se as análises provenientes das etapas “2 - Análise da dêixis verbal delocutiva” e “4 - Análise das dêixis adverbiais locativa e temporal” possibilitam a hipótese da presença da voz em performance no texto [Fim da descrição].

Esses passos, como pressupõe o quinto item, permitem formular a hipótese da presença da voz poética em performance em textos de variadas origens, não se restringindo somente às cantigas que foram objeto deste trabalho. Ademais, como proponho em outro trabalho (Aguiar, 2020), a hipótese pode ser melhor estabelecida através da investigação historicizante e comparatista da produção trovadoresca com outras práticas e manifestações literoculturais, tal como a cantoria nordestina brasileira.

Conclusão

Apesar de a Filologia ser uma ciência que tem por objeto os textos escritos e os manuscritos de uma determinada cultura, é possível, no tocante não só às cantigas medievais galego-portuguesas, ampliar o seu escopo de atuação para além da edição e estabelecimento dos escritos mais ou menos definitivos. Nesse sentido, sugiro procedimentos metodológicos que possibilitem que essa ciência se volte também para os elementos discursivos que permitam cogitar a ocorrência na Baixa Idade Média da voz poética em performance. Sem deturpar os paradigmas fundamentais da Filologia, o material de estudo continua sendo o texto escrito.

A proposta aqui estabelecida valeu-se das contribuições inerentes à Análise do Discurso, proveniente da Linguística, não perdendo, por isso, o foco no texto literário e a intenção de contribuir teórica e metodologicamente para a Teoria da Literatura. O levantamento e análise dos dêiticos verbais delocutivos e dos dêiticos adverbiais locativos e temporais, nessa perspectiva, são concebidos como procedimentos para a verificação da possibilidade de manifestação da voz poética em performance nas cantigas medievais galego-portuguesas, ou seja, o objeto de investigação constitui-se não só a produção literária como também do processo de elaboração e de transmissão da mensagem poética.

Por fim, com tudo o que foi explanado, posso afirmar que se alcançou o objetivo estabelecido. Isso advém da exposição prática da proposta na seção “Procedimentos



metodológicos: a dêixis verbal delocutiva e a dêixis adverbial locativa e temporal em tenções medievais galego-portuguesa” e da descrição genérica dos passos do esquema metodológico de investigação na parte “Delimitação breve da metodologia para uma Filologia da voz em performance”.

Referências

AMBROA, Pero Garcia de; BAVECA, João. Joan Garcia, fé que vós deveades. In: AGUIAR, Rafael Hofmeister de. **Cantigas dos trovadores medievais no português contemporâneo**. Universidade de Vigo / I Cátedra Internacional José Saramago: Vigo, 2023. p. 98-100.

AGUIAR, Rafael Hofmeister de. **Cantigas dos trovadores medievais no português contemporâneo**. Universidade de Vigo / I Cátedra Internacional José Saramago: Vigo, 2023. Disponível em: <https://catedrasaramago.webs.uvigo.gal/Uploads/archivos/82e-cantigas-dos-trovadores-medievais-ebook-espanhol-cb0b80.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2024.

AGUIAR, Rafael Hofmeister de. Um encontro de oralidades: os trovadores medievais galego-portugueses e os cantadores nordestinos brasileiros. **Princípios**, São Paulo, v. 39, n. 159, p. 258-276, 01 set. 2020. Disponível em: <https://revistaprincipios.emnuvens.com.br/principios/article/view/24/16>. Acesso em: 02 jul. 2024.

BOLSEIRO, Juião; COELHO, João Soares. Joan Soares, de pran as melhores. In: AGUIAR, Rafael Hofmeister de. **Cantigas dos trovadores medievais no português contemporâneo**. Universidade de Vigo/ I Cátedra Internacional José Saramago: Vigo, 2023, p. 71-73.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. Trad. de Frederico Pessoa de Barros et al. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

GIL, Vasco; MARTINS, Pero. Pero Martiins, ora por caridade. In: AGUIAR, Rafael Hofmeister de. **Cantigas dos trovadores medievais no português contemporâneo**. Universidade de Vigo/ I Cátedra Internacional José Saramago: Vigo, 2023, p. 104-107.

HAVELOCK, Eric A. **Prefácio a Platão**. Trad. de Enid Abreu Dobranzsky. Campinas: Papirus, 1996.

LEMAIRE, Ria. **Fonte de informação e conhecimento, folclore ou literatura**: O cordel como fenômeno multicultural. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2013.

LEMAIRE, Ria. **Passions et positions**: contribution à une sémiotique du sujet dans poésie lyrique médiévale en langues romanes. Amesterdam: Rodopi, 1987.

LOURENÇO; ÁLVARES, Rodrigo Eanes de. Rodrig'Eanes, queria saber. In: AGUIAR, Rafael Hofmeister de. **Cantigas dos trovadores medievais no português contemporâneo**. Universidade de Vigo/ I Cátedra Internacional José Saramago: Vigo, 2023, p. 74-76.

LOURENÇO; TALAVEIRA, João Vasques de. Joan Vaásquez, moiro por saber. In: AGUIAR, Rafael Hofmeister de. **Cantigas dos trovadores medievais no português**

contemporâneo. Universidade de Vigo/ I Cátedra Internacional José Saramago: Vigo, 2023, p. 79-80.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita:** a tecnologização da palavra. Trad. de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz:** a “literatura” medieval. Trad. de Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo, 1993.

ZUMTHOR, Paul. Do românico ao gótico. *In: ADAM, Antoine et al. Literatura francesa.* Trad. de Myriam Campelo. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1972, p. 9-49. v. 1.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Trad. de Jerusa Pires Ferreira. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

NOTAS DE AUTORIA

Rafael Hofmeister de Aguiar (rafael.aguiar@bento.ifrs.edu.br) é pós-doutor em Filologia Galega pela Universidade de Vigo (Galícia/Espanha) e doutor em Estudos em Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor e pesquisador do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Bento Gonçalves. É líder do grupo de pesquisa Estudos historiográficos, multiculturais e comparatistas em poéticas da voz e da performance.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

AGUIAR, Rafael Hofmeister de. Procedimentos metodológicos para uma filologia da voz poética em performance nas cantigas medievais galego-portuguesas. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-17, 2025.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.



Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 07/09/2024

Revisões requeridas em: 15/11/2024

Aprovado em: 01/04/2025

Publicado em: 09/05/2025

